

HISTÓRIA REGIONAL EM PERSPECTIVA: A ESTÂNCIA JESUÍTICA DE SAN FRANCISCO XAVIER

REGIONAL HISTORY IN PERSPECTIVE: THE JESUITIC OFFICE OF SAN FRANCISCO XAVIER

Tiara Cristiana Pimentel dos Santos¹

Resumo: O presente trabalho pretende discutir, questões sobre história regional, a partir das missões jesuíticas, em específico a região histórica, que é a Estância e a redução de São Francisco Xavier, objetivando definir seus conceitos metodológicos, partindo de uma perspectiva de esclarecer, o que é região, e o que define a história regional. Desta maneira utilizamos da metodologia qualitativa para a interpretação, das bibliografias empregues.

Palavras chaves: Estância. Redução. Região histórica. Conceitos.

Resumen: El presente trabajo pretende discutir, cuestiones sobre historia regional, a partir de las misiones jesuitas, en específico la región histórica, que es la Estancia e la reducción de San Francisco Xavier, teniendo como objetivo definir sus conceptos metodológicos, partiendo de una perspectiva de esclarecer lo que la región es, y lo que define la historia regional. De esta manera utilizamos la metodología cualitativa para la interpretación de las bibliografías empleadas,

Palabras claves: Estancia. Reducción. Región histórica. Conceptos.

Abstract: The present work intends to discuss, questions about regional history, from the Jesuit missions, in specific the historical region that is the Estancia and the reduction of São Francisco Xavier, aiming to define its methodological concepts, starting from a perspective of clarifying, what is region, and what defines regional history. Thus we use the qualitative methodology for the interpretation of the bibliographies employed.

Keywords: Resort. Reduction. Historical region. Concepts

Introdução

A história regional é amplamente discutida quando se escreve a história Latino Americana. Pensar a história regional envolve elementos que transpõem as barreiras que conhecemos por micro história² e história global³, podendo envolver em seu contexto relações que interligam de alguma forma essas conexões históricas.

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História-/Universidade de Passo Fundo- UPF, Bolsista CAPES PROSUC II.

²O que a Micro-História pretende é uma redução na escala de observação do historiador com o intuito de se perceber aspectos que de outro modo passariam despercebidos. Quando um micro historiador estuda uma pequena comunidade, ele não estuda propriamente a pequena comunidade, mas estuda através da pequena comunidade (não é, por exemplo, a perspectiva da História Local, que busca o estudo da realidade microlocalizada por ela mesma). A comunidade examinada pela Micro História pode aparecer, por exemplo, como um meio para atingir a compreensão de aspectos específicos relativos a uma sociedade mais ampla. Da mesma forma, posso tomar para estudo uma “realidade micro” com o intuito de compreender certos aspectos de um processo de centralização estatal que, em um exame encaminhado do ponto de vista da macrohistória, certamente passariam despercebidos (BARROS, 2005,p. 236)

³O conceito de História global é confuso, e impreciso. Se a história-ciência fosse globalizante, já estaria comprometida, pois este conceito é vago e impreciso. (...) O Primeiro sentido – história de tudo -, que

A história regional começou a ser debatida no final dos anos 80 com a terceira geração dos *Annales*, em torno da crise que a história Global estava sofrendo com os novos pensamentos. Com essa crise, novas abordagens de fazer história começaram a surgir, a partir dos debates. Tudo passou a ser história, e não se fazia mais a história do todo, mas procurava-se saber tudo sobre o objeto que seria estudado.

A terceira geração talvez possa ser dita pós, estruturalista, também de forma impura. Sob a influência da antropologia, prefere descrições, narrativas, indivíduos, biografias, excluídos, periféricos, marginais, sexo, bruxaria, mundos históricos micro... não se busca mais um sentido global para a história e considera-se impossível a integração da consciência em uma totalidade. (REIS, 2006.p.80)

Sendo assim, a abordagem da história regional permite que o objeto a ser estudado possa ser tanto parte de uma história total, como uma história em menor escala, mostrando suas particularidades, que compõem um mosaico de uma história total, como a história da América Latina. Eric Van Young, apresenta as suas hipóteses dos tipos regionais e suas implicações.

Antes que continúe ilustrando mi hipótesis sobre los tipos regionales y sus implicancias, necesitamos dar un paso atrás por un momento hasta el concepto básico de región, en función de aclarar el supuesto central. Dado que como he sugerido más arriba las regiones se definen adecuadamente por la escala de cierta clase de sistema interno a las mismas ydad que las sociedades humanas se constituyen típicamente con un gran número de clases diferentes de sistemas mutuamente influyentes, ¿cuál es el sistema a elegir par a definir las regiones? Rápidamente, uno puede traer muchos candidatos posibles a la mente, incluyendo las pautas de la geografía física, la distribución y el tipo de producción económica, la estructura política, el intercambio o las relaciones de mercado. Es este último sistema - la estructura de intercambio o los mercados - el que permanece en el corazón de la teoría del emplazamiento central, que a su turno provee la base para la mayoría de los recientes trabajos teóricos sobre el análisis regional. (YOUNG, 1991, p.265)

Ao pensarmos a história regional a partir de uma perspectiva conceitual e metodológica, é necessário entender como os conceitos de região são abordados por outras disciplinas e também dentro da história. O objeto de estudo que pretendo

significa simplesmente o alargamento do campo histórico e é compatível com a história problema, tornou-se o centro da proposta dos *Annales*. (REIS, 2003, p.85-86).

desenvolver é a estância e o povo de São Francisco Xavier⁴. E é para melhor entendermos a maneira como foi criada essa estância pela província jesuítica do Paraguai, através de um projeto reducional implementado pelos jesuítas, com apoio da coroa espanhola nos séculos XVII e XVIII, que justificamos a necessidade de aprofundamento de conceitos como o de “região”, dentro de uma perspectiva de História Regional, pois existe a necessidade de entender as relações sociais, políticas, econômicas e culturais do objeto proposto.

Para compreendermos a maneira que os povoados das reduções e estâncias missioneiras se formaram e ocuparam os espaços regionais, é necessário analisar a conceituação e o “tratamento da geografia física e humana, que irá identificar a região com base em critérios de delimitação da paisagem natural e étnica,” (NORONHA, 1992, p.25). Também podemos considerar “los factores geográficos, cuya historia hay que considerar, solo adquieren una importancia decisiva cuando se les relaciona com otros datos, económicos, sociales, culturales”. (BRAUDEL, 1992,p.115)

Segundo Reckziegel, há uma tendência entre os historiadores de assimilar e utilizar os conceitos produzidos pelos geógrafos, mas, entre as muitas vertentes explicativas para o termo região, há um ponto consensual de que região seria a particularização dos lugares, a sua individualização. Portanto, poderíamos aceitar como válido o conceito de região “como um espaço de identidade ideológico-cultural e representatividade política, articulado em torno de interesses específicos, geralmente econômicos, por uma fração ou bloco regional de classe que nele reconhece sua base territorial”.(RECKZIEGEL,1999, p.20)

Essa é uma questão importante da história regional que se encaixa com objeto, porque São Francisco Xavier era uma de várias estâncias, porém precisamos entender as particularidades desse lugar, e sua individualização, ou seja, como, internamente e externamente, aconteciam as relações desses povos, para podermos particularizá-la. Para tanto, é necessário perceber todas as suas movimentações no âmbito da América Espanhola, da província jesuítica do Paraguai e dentro do contexto de catequização dos jesuítas na América. Para que isto possa acontecer, é também necessário que o pesquisador se debruce sobre as documentações em Arquivos e bibliografias sobre o

⁴A formação da estância para criação de gado foi uma necessidade imposta pelas vicissitudes da experiência missionária, havia um desafio irremediável que urgia uma resposta: a dizimação do gado pelos lusos e a necessidade de mantê-lo, pois, juntamente com a erva mate, o gado tornava a terra mais produtiva e valiosa (QUEVEDO, 2000, p. 140).

tema, respaldado pelos conceitos e teorias da história e de outras disciplinas, caso sejam necessárias.

O objeto de pesquisa envolve uma comunidade que pertence a uma região denominada, no passado, como província jesuítica do Paraguai, hoje atual estado do Rio Grande do Sul, e Argentina, que já teve seus espaços particularizados e individualizados pela situação imposta pelos conquistadores, dentro de um contexto ocupação de espaços pela coroa espanhola, com o intuito de bloquear o avanço dos portugueses em direção à colônia do sacramento. Nesse período, embora tivéssemos os tratados, nossos limites políticos não estavam bem definidos, o que aconteceu somente mais tarde, pela criação da fronteira do Rio Grande do Sul com a província de Corrientes, tendo o rio Uruguai como uma fronteira natural, pois a

[...] região, ao invés de ser apenas um referente (no caso específico da delimitação a um tipo de configuração geográfico-espacial), passa a ser um modo de proceder – um tratamento metodológico – que visa estabelecer uma relação específica no âmbito de uma cartografia simbólica, que deverá incluir os níveis do local, do regional, do nacional e do transnacional. (NORONHA, 1998, p.26)

Noronha aponta para algumas questões fundamentais quando se determina uma região a ser estudada, pois o pesquisador deve se ater às transformações que os indivíduos realizaram naquele espaço. E, a partir das perguntas feitas ao objeto, vai-se determinar o que se chama aqui de ato do pensar metodológico. Portanto, a minha pergunta que irá determinar a minha região, e que essa região deve ser pensada em níveis: a) local, que seria, internamente, as relações dentro da estância com sua redução; b) o regional, podemos aqui definir como as relações existentes da estância/redução com as outras estâncias e reduções; c) o nacional, as suas relações com toda a província jesuítica do Paraguai e com a administração colonial espanhola na América; d) o transnacional seriam as relações da estância/redução com a comercialização, mesmo que ilegal, com os portugueses e com a MetrÓpole.

Dentro da história, definimos região como um espaço, enquanto, para a história regional, o espaço não é só físico, pois é cultural, social, político, econômico e ideológico. É produzido para a sociedade sob uma base territorial determinada, portanto, esse espaço é balizado por identidades comuns, sendo a história encarregada de caracterizar esse espaço.

[...] el énfasis en el ‘aislamiento’ como una de las características primordiales de las regiones resulta ser algo muy relativo, pues éstas están vinculadas con otras unidades sociales por razones de fronteras, redes mercantiles y movimientos demográficos. Sin embargo, en relación con el centro del estado colonial o el estado republicano, como ideología, el ‘aislamiento’ forma parte del imaginario regional, preocupado por definir su identidad a partir de la diferencia. (ARRIOLA, 2008, p. 197)

A região está configurada como uma fração estruturada do todo, que possui uma identidade e personalidade regional construída historicamente pelas relações existentes entre os indivíduos que ali estão e essa identidade é construída gradativamente pelos seus atores, Manuel Castells entende “por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevale(m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, por haver identidades múltiplas.” (2010, p. 22).

A região é um espaço de resistência porque ela tem sua identidade construída ao longo do tempo e envolve relações de disputas de poder, e essas representações de poder, em certos momentos, são assimiladas pelo restante da sociedade, por meio dos grupos dominantes, razão pela qual teremos o que chamamos de ideologia. Quando trabalhamos na perspectiva da produção do conhecimento da história regional, é necessário compreender o seu conceito, suas metodologias e seus processos de abordagem.

Nas décadas de 60 e 70 do século XX, a história regional era pensada de forma que os seus limites não ultrapassavam os limites da geografia nacional e, assim, reforçando apenas uma história nacionalista, onde a região histórica se delimitava geograficamente.

De esa manera, la historia de la región no era otra cosa que la sumatoria de las historias de las provincias supuestamente involucradas en ella. En otros casos, la región se asimilaba a unidades territoriales concebidas como parte de la regionalización a que dieran lugar en América Latina el auge de las políticas territoriales y de planificación en las décadas de 1960 y 70. (BANDIERI,2017 p.17)

Quando se fala em história regional, logo remetemos a um pensamento de que o objeto de estudo é uma região, pré-definida conceitualmente pela geografia, pois a região em geografia pode ser criada para estudar as características de um determinado território. Já a região historiográfica não tem seus conceitos pré-definidos; como

menciona Eric Van Young, “las regiones son como el amor, son difíciles de describir, pero las conocemos cuando las vemos” (1991, p. 255)

Así, se ha transitado desde el determinismo geográfico decimonónico, para el cual el medio natural condicionaba a la sociedad y la región era un espacio previamente delimitado, sólo reconocible por los elementos físicos que la distinguían, hasta las interpretaciones más modernas y diferenciadas de la anterior, que la consideran un espacio abierto al cual sólo es posible acceder comprensivamente a través del estudio de las relaciones que establecen los sujetos sociales en la dinámica del proceso histórico. En la medida en que el espacio pasó a ser entendido por la geografía crítica como una construcción social, la región dejó de ser y por ende debería serlo para quienes hacen historia regional un ámbito acotado, previamente definido por el historiador, para convertirse en una derivación de su propio objeto de estudio. En el medio de perspectivas tan extremas, y más recientemente aún, surgieron otras posiciones neopositivistas para las cuales la delimitación previa de la región parece seguir siendo el único recurso metodológico posible. (BANDIERI, 2017, p. 12-13)

Mas não podemos descartar outras disciplinas, quando o objeto for região dentro do que abrange a história regional, pois esse assunto, primeiramente, foi uma fusão bem-sucedida, pela escola dos *Annales*, entre a história e a geografia humana, ambas tratando suas particularidades em um sentido interdisciplinar.

Incluso nessa particularidade, nos deparamos com a história regional. Cometem-se vários equívocos ao utilizar conceitos⁵, pois o uso de conceitos sempre trouxe a sua carga de abstrusos para os historiadores, pois utilizar um conceito, sem definir a sua carga geral e histórica de significados, poderá resultar em um anacronismo.

O uso dos conceitos, principalmente pelos historiadores, deve estar bem claro quando e em qual tempo e época foram atribuídos, e se esse conceito tem o mesmo significado fora da História. Três termos utilizados, quando se escreve história regional, por terem a grafia ou até mesmo os significados parecidos, mas que não são análogas, principalmente no que tange à Geografia e à História, são: a região, a regionalidade e o regionalismo. A região, definida como espaço geográfico, tem uma definição diferenciada da história; dentro dos estudos geográficos, a região é uma área ou um

⁵ O conceito é uma palavra que expressa uma abstração formada pela generalização a partir de específicos. (MENDONÇA, p. 16, 1983)

espaço fragmentado, seguindo critérios específicos, para melhor ser estudado, por exemplo, regiões definidas pelo COREDE⁶.

Já a região definida dentro da história regional tem um significado muito particular, pois a região que um historiador escolher para trabalhar vai depender de sua delimitação e de sua pergunta para o tema proposto, então a região vai ser delimitada e definida pelo indivíduo, e não pelas fronteiras e demarcações pré-estabelecidas, principalmente pela geografia.

A região enquanto processo, em constante rearticulação – e da propriedade de ‘ser’ regional, já a regionalidade oferece um caráter literalmente fenomenológico, ‘visto a partir da grande diferenciação cultural e da enorme desigualdade social produzida mesmo num mundo tido como globalizado e, portanto, pretensamente mais homogêneo. Não há como, genericamente, pretender estipular uma única grande racionalidade ou ‘teoria’ da regionalização, a não ser que mantenhamos os velhos padrões economicistas com que, muitas vezes, a região foi trabalhada – como se apenas a reprodução e acumulação do capital pudesse dar conta de toda a diversidade regional em que estamos inseridos. (HAESBAERT, 2010, p. 05)

Dessa maneira, o regionalismo é construído pelos sujeitos, que moldam o espaço conforme suas particularidades, de forma que a singularidade de cada região está atrelada aos laços criados por esses indivíduos, dando origem a uma identidade que é associada à região.

E, por fim, regionalismo é um conceito que está presente na construção de uma identidade regional, e pode ser percebido pela linguística, construindo um dialeto de forma histórica, através das várias culturas presentes em determinadas regiões. Acreditamos que o regionalismo, em si, define-se como um comportamento político de defesa de interesses, por autores que compartilham uma identidade historicamente construída. Ele pode ser um dos elementos que unificam e mobilizam grupos sociais nas disputas do jogo político. (VISCARDI, 1992, p.90)

Percebe-se que o uso dos conceitos tem de estar bem claro para o historiador, se não estiver esclarecido, ao fazer a historiografia, o historiador pode facilmente cair em um anacronismo, ou forçar o uso de conceitos, que não se encaixam em sua delimitação temporal histórica.

⁶ Conselho regional de desenvolvimento

Visto que a região é um conceito que não tem apenas uma definição, e que depende das suas particularidades para deliberar e delimitá-la, com a história regional não é diferente. Segundo Arturo Taracena Arriola:

Las regiones no son innatas ni eternas. Son construídas por sujetos sociales en un tiempo y un espacio determinando. En conclusion, si la historia regional intenta explicar las regiones en plural, el dilema está, primero, en saber qué características comparten y, segundo, en saber cuántas formas de ellas existen. (ARRIOLA, 2008, p.189)

O conceito de região está delimitado pela particularidade que tem cada uma, não tem uma forma definida, quando se trata do assunto, pois cada uma, em específico, é região justamente pela sua singularidade. A região não depende só de fatores naturais e econômicos de limite de fronteira, imposto pelo estado, ela vai muito além desses limites; uma região pode ser delimitada por outros fatores, como língua e cultura.

Trataremos, agora, da identidade e a representação de elementos para uma reflexão crítica sobre a região.

A região não é uma totalidade observável como tal. É um produto, um acto de totalização, que deve constituir como fechado e perfeitamente separado um campo de significações, cujos limites não se impõem nunca por si mesmos. E, se é verdade que os factores objectivos contribuem, por vezes fortemente, para distinguir dois grupos vizinhos, a definição estrita e precisa de região forja o recurso a uma estrutura simbólica e às relações semânticas de oposição que esta organiza. (MARTINS, 1993, p.100)

Pensando na construção histórica da região, não podemos deixar de mencionar, de uma maneira mais aprofundada, ao discorrer sobre identidade ou as identidades que os sujeitos sociais construíram em um determinado espaço, para que esse fosse considerado uma região, com particularidades além das existentes naturalmente.

A região sem os fatores culturais e sociais apenas seriam espaços naturais, pois é a ação do sujeito perante um determinado espaço que, ao longo do tempo, constrói a região. Dessa maneira, uma identidade regional, como coloca Burdieu, não é simplesmente o espaço natural, mas sim o tempo e a história que se constituem nesse local.

Mas, mais profundamente, a procura dos critérios ‘objectivos’ de identidade ‘regional’ ou ‘étnica’ não deve fazer esquecer que, na

prática social, estes critérios (por exemplo, a língua, o dialecto ou o sotaque) são objecto de representações mentais, quer dizer, de actos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos, e de representações objectais, em coisas (emblemas, bandeiras, insígnias, etc.) ou em actos, estratégias interessadas de manipulação simbólica que têm em vista determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e dos seus portadores. Por outras palavras, as características que os etnólogos e os sociólogos objectivistas arrolam funcionam como sinais, emblemas ou estímulos, logo que são percebidas e apreciadas como o são na prática. (BURDIEU, 2010p. 112)

Levando em consideração os fatores que compõem a identidade de um local, e que, ao longo do tempo, se constrói uma região histórica, faz que essa região se torne particular, perante os demais espaços constituídos, assim os critérios reconhecidos e aceitados por um grupo, em determinado espaço, passam a se tornar uma identidade grupal, de uma região.

Fazer história regional não quer dizer que se fará uma história específica, (micro história) e nem explicar o todo (história global), mas sim manter um diálogo entre o geral e o particular, entre o contexto e a especificidade, permitindo flexibilizar modelos políticos econômicos ou de estrutura mental, repensando as modelagens e técnicas de abordagens.

O tempo e espaço, para a construção de uma história regional, faz o historiador ter a necessidade de deter-se nas especificidades dessa região, ou seja, a economia, a política, cultura e os sujeitos que a compõem. Como uma região, ela é explicada historicamente, mas ela não é permanente em suas características, pois vai se transformando com a ação do homem e do tempo. Um mesmo território pode historicamente abarcar regiões diferentes.

Un primer elemento a tener en cuenta es que la noción de Historia Regional remite necesariamente a dos áreas de conocimiento: la Historia y la Geografía, es decir que contiene en sí misma las dos coordenadas - tiempo y espacio - que la caracterizan. Ambas disciplinas han pasado sucesivamente por enfoques teóricos equivalentes desde el positivismo del siglo XIX en adelante, que han variado la concepción de región desde posiciones tan encontradas como diferentes. (BANDIERI, 2017, p. 12-13)

Vendo dessa maneira, vamos introduzir o estudo de história regional e seus conceitos, em um espaço ocupado no período colonial, pelos Jesuítas, que se denomina missões jesuíticas, e, dentro desse território, buscou-se definir especificamente uma região histórica a ser investigada que é a redução e estância São Francisco Xavier.

Para a construção da redução de São Francisco Xavier (estamos falando da ocupação de parte noroeste do estado que hoje conhecemos como Rio grande do Sul e Argentina), que será tratada aqui, obviamente, não consideraremos as mesmas características regionais que o mesmo espaço reocupado recentemente por Europeus, vindos pela política de ocupação de terras no século XIX e XX.

Tratando-se de delimitar a região que está sendo investigada, é necessário verificar os fundamentos históricos que ajudaram a delimitar e a constituir as missões jesuíticas e, principalmente, a redução e a estância São Francisco Xavier. Alguns dos elementos são: a economia, a cultura, as conexões exteriores, língua e os conflitos que ocorreram.

Para essa abordagem, tomaremos o autor Erick Van Young, que expõe algo bem significativo em seu trabalho, quando fala de algumas cidades do México colonial e seu sistema de economia, que, por assim dizer, era muito parecido com o sistema colonial Jesuíta compreendido no território do Prata. Quando se coloca em pauta a construção do espaço regional, tendo em vista a economia como ponto principal, tem-se:

En consecuencia, la estructura comercial y mercantil de la región desplegaba las características que se esperarían encontrar aproximadamente en el tipo olla a presión/solar. Entonces a pesar de la tendencia reduccionista de las relaciones comerciales centradas en la ciudad regional primaria, los poblados rurales tenían al menos algunos lazos laterales en términos de las relaciones crediticias, los comerciantes itinerantes, las ferias periódicas, etc. Por otro lado, la especialización productiva intra-regional, aunque existía, estaba limitada. (1991, p.275)

Não diferente dessas relações comerciais existentes em Gadalajara, no México, a região, tida como “os 30 povos missioneiros”, mantinha sua relação comercial, em razão de suas particularidades de exportação, mercado interno, com produtos propriamente locais; de certa forma só era possível manter as reduções devido a essa rede de comércio mantida entre as reduções (internamente) e a que as reduções mantinham com a coroa espanhola (externamente).

Sendo assim, a escolha dos espaços era definida, justamente, quando havia meios de subsistência e de produção e escoamento dos produtos. E esse meio coincide

com as reduções estarem em sua maioria paralelamente com o rio Uruguai, facilitando a comunicação e o comércio com a metrópole.

Mas a consolidação desse espaço por parte dos Jesuítas e dos Guaranis não era feito com facilidade. Existia um estudo aprofundado e prévio, para a fundação da redução e, mesmo dessa forma, eram suscetíveis a conflitos entre os povos originários que não eram reduzidos, e dos bandeirantes, por parte dos portugueses, que se deslocavam capturando índios para a de mão de obra, no Brasil.

Os conflitos gerados pelos grupos étnicos já existentes eram decorrentes das fronteiras simbólicas determinadas por esses grupos e, quando não se respeitavam esses limites, como em quaisquer outras etnias, o conflito por disputa de espaços culturais era inevitável.

O território missioneiro se constitui de várias etnias, que se diferem, em inúmeras características, já antes da chegada do homem europeu. Neste espaço os conflitos eram recorrentes, visto que, na concepção destes povos, não existia uma fronteira jurídica, como se tinha em civilizações europeias, que já estavam vivendo na modernidade. Mas os territórios eram demarcados por fronteiras simbólicas, onde cada espaço se adequava de melhor maneira com seus costumes.

Assim, as regiões podem ser delimitadas por fronteiras étnicas. Fredrik Barth menciona que as fronteiras étnicas são definidas pelo critério de uma identidade de pertencimento a um grupo, ou de exclusão do próprio, por mais que possa haver delimitações territoriais. As fronteiras étnicas canalizam a vida social das mais diversas formas de grupos étnicos; desta maneira, as fronteiras étnicas se delimitam por meio de acordos entre as mais diversas culturas.

[...]a fronteira étnica que define o grupo e não o espaço cultural por ela delimitado. As fronteiras sobre as quais devemos concentrar nossa atenção são evidentemente fronteiras sociais, ainda que possam ter contrapartida territorial. Se um grupo mantém sua identidade quando seus membros interagem com outros. Disso decorre a existência de critérios para determinação do pertencimento, assim como as maneiras de assinalar este pertencimento ou exclusão. (BARTH, 2000 p.34)

Barth, descreve que as fronteiras étnicas vão muito além dos espaços territoriais, visto que um grupo pode ser facilmente reconhecido fora da região em que se constituiu. Ao contrário do que se pensa, a etnia está muito mais atrelada às diferenças entre os grupos do que às semelhanças culturais existentes entre eles. Neste caso, as

diferenças são claramente percebidas. Basta comparar as características físicas e culturais dos grupos guarani e kaingang.

Desta maneira, trataremos da construção da região histórica em que está situada a estância de São Francisco Xavier e a redução do período colonial de 1627, onde temos a primeira tentativa de construção de um espaço. Milton Santos conceitua espaço como um fato social, produto da ação humana, uma natureza socializada. Por isso, trataremos a construção e a evolução desse espaço como uma região com suas características particulares.

É o lugar que atribui às técnicas o princípio de realidade histórica, relativizando o seu uso, integrando-as num conjunto de vida, retirando-as de sua abstração empírica e lhes atribuindo efetividade histórica. E, num determinado lugar, não há técnicas isoladas, de tal modo que o efeito de idade de uma delas é sempre condicionado pelo das outras. (2001, p.36)

Já por volta 1629, devido a conflitos entre os Kaingang e os guarani, que, já antes da tentativa de fixação da redução, possuíam divergências, constituindo etnias rivais, a ocupação de outro espaço, dentro do mesmo território, foi inevitável: os jesuítas, temendo mais conflitos, fixaram a redução de São Francisco Xavier, na banda oriental do rio Uruguai, e a estância permaneceu na banda oriental.

Em 1627, alguns elementos ajudaram a firmar um espaço reducional, e em uma região de missões Jesuíticas, na banda ocidental, os padres e índios reduccionados fundaram a primeira redução de povoamento. Mas, devido a ataques de povos originários, não foi possível manter a redução no mesmo curso que esses povos habitavam. Aurélio Porto descreve como ocorreu a declaração de posse de terras por parte D. João Blazquez, governador do Paraguai.

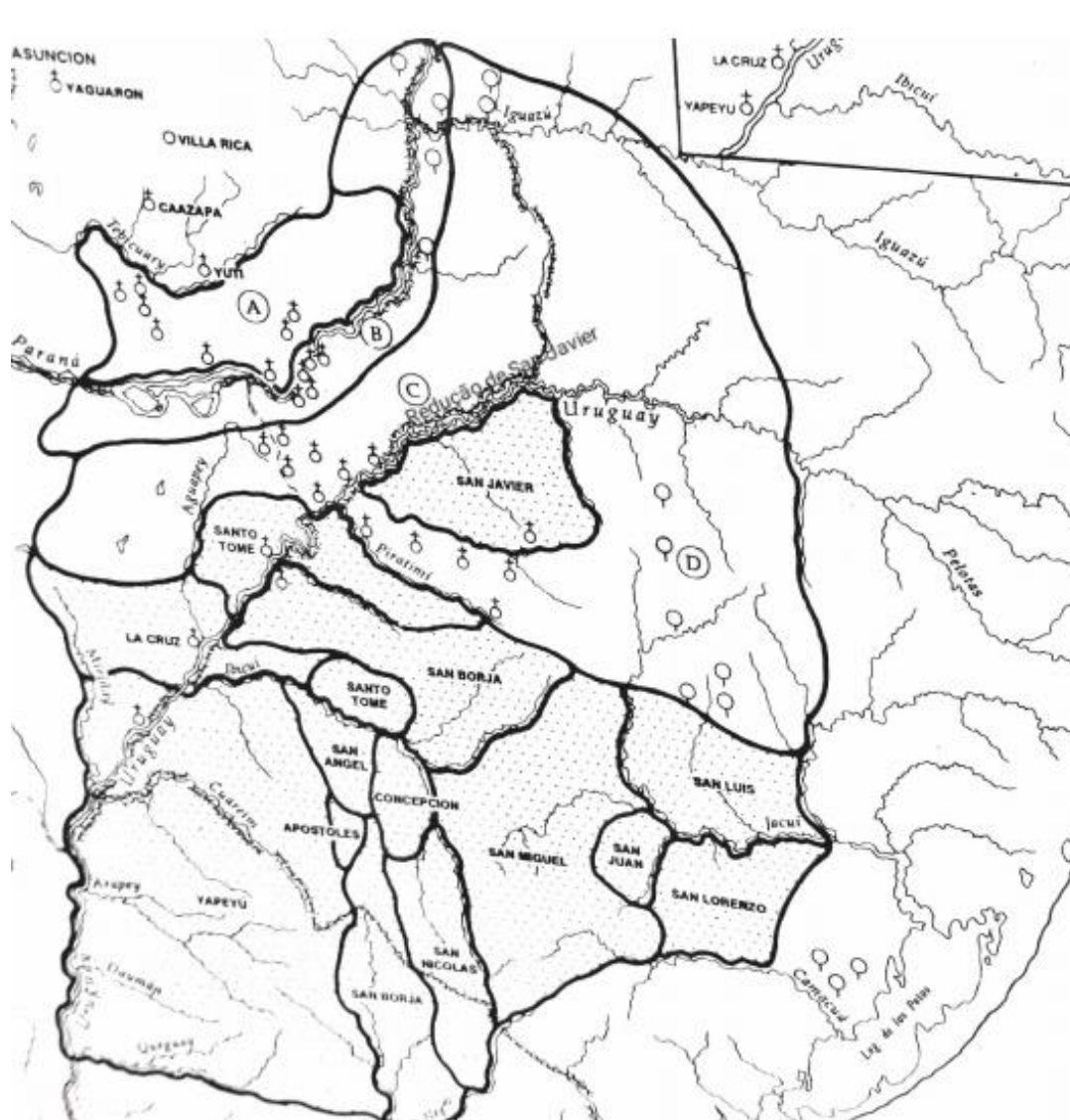
Além de outras terras á margem direita do Uruguai, que ficavam entre os rios taquararé e Mborore, declara que ‘para as suas estancias lhes dou e assinalo por terras as que há de outra banda do rio Uruguai, que são as que estão desde o dito rio até ijuí acima, com todos os seus matos, entradas e saídas que de direito lhe pertencem e mando que nenhum outro que não for este mencionado Povo entre nas ditas teras, etc.’ 178). (PORTO, 1954,p. 322)

Assim, em 1629, abarcando o rio Uruguai, acha-se outro local propício para a refundação da mesma redução, mas, em número menor de pessoas, pois muitos dos fiéis

se alocaram em redução vizinhas. Mas o gado que estava na banda oriental permaneceu neste local, pois o território pertencia à redução de São Francisco Xavier.

O mapa a seguir, de forma ilustrativa, demonstra a redução de povoamento, em uma margem, e a estância do mesmo povo, ocupando grande espaço na margem oposta do rio Uruguai, ficando clara a movimentação que ocorria entre ambas as margens, principalmente para que permanecessem os laços entre ambas.

Figura 1: Mapa das reduções demonstrando a redução e a estância de São Xavier



Fonte: Maeder; Gutierrez.

A estância sofria constantes ataques e, por volta de 1659, devido aos ataques por parte de “infiéis” indígenas não reduzidos, foi abandonada e, nessa lacuna ocasionada pelo abandono, outro povo tentou se apossar das terras, mas não teve êxito, pois a contenda foi afirmada a favor de São Francisco Xavier, por volta de 7 de abril de 1663,

quando sua posse foi confirmada pelo Provincial. Aurélio Porto nos diz que, em 1699, o povo de conceição

[...] ao qual haviam sido concedidas as terras que ficam no Nhucorá, onde tinha os seus ervais e estâncias, quis estender os seus limites até a posse de São Xavier, originando-se daí larga contenta constante do precioso códice Mss. Já citado e de que fez parte integral o mapa do P. Tolu (PORTO, 1954, p.323-324)

Essas disputas territoriais mostram que as conexões entre os povos missioneiros não eram apenas de ligações comerciais, atribuídas a apenas um único propósito, como o de povoamento, mas também de que as reduções jesuíticas tinham suas particularidades, e as suas relações nem sempre foram amistosas e homogêneas.

Tomando cuidado para não cometer anacronismo e fazer uma atribuição indevida de um conceito ao passado, pode-se pensar como era visto o rio Uruguai, com o olhar dos povos que ali viviam, a aproximação entre o povo e a estância, ea ligação entre as demais reduções que, como se percebe, não foram sempre pacíficas.

Pode-se dizer que o rio, nesse período, cumpre várias funções dentro do território, como, por exemplo, a função de proteção contra os ataques. Ao mesmo tempo, não impõe barreiras determinadas pelo europeu, como a fronteira natural, determinada pelo curso do rio Uruguai. Tais barreiras atribuídas ao rio estão ligadas com a formação e o desenvolvimento das missões jesuíticas, ao longo de sua existência, pois coloca fatores, como proteção do povo, subsistência da redução e desenvolvimento econômico, que, para a igreja e para a coroa, tornam-se de fundamental importância para assegurar o crescimento da região missioneira.

Assim, “limite é um fator de separação, pois separa unidades políticas soberanas e permanece como um obstáculo fixo, não importando a presença de certos fatores comuns, físico-geográficos ou culturais”. (GOLIN, 2001,p.11). O mesmo rio que divide a estância e a redução tem a função de aproximá-las, e o povo dependia da estância para a sobrevivência, uma vez que o gado vacum e a erva mate eram as principais fontes de subsistência dos povos jesuíticos guaranis.

A redução foi se desenvolvendo constantemente, e um dos fatores que ajudaram no desenvolvimento da redução e em sua subsistência foi a erva mate, que existia em abundância dentro da estância e próxima a ela.

Conclusão

Sabe-se que a história regional já era discutida por volta dos anos 70, através dos *Annales*, e, com a decadência da história global, que já não conseguia resolver os questionamentos feitos pela história, despontou uma história fragmentada, na qual tudo era história, fazendo parte de um mosaico de uma história global mais detalhada.

A história regional na América do Sul vem sendo amplamente difundida, sendo um recurso que torna as histórias da América mais homogêneas e detalhadas, mostrando as conexões particulares existentes entre suas etnias e seus territórios, ao longo dos séculos.

Nessa perspectiva, escrever sobre as estâncias jesuíticas pertencentes às missões, e as conexões existentes, mostrando suas particularidades, perante as demais missões efetivas no período, expressa que a estância tem seu particular com uma ampla rede de comércio, que demonstra mais uma particularidade de uma região histórica da América Latina.

Uma determinada região historiográfica requer que o historiador, em primeiro passo, tenha esclarecido o que é uma região, tanto em sentido histórico quanto geográfico, para que sua delimitação não caia em equívocos, quando desenvolver o tema. São eles: região, regionalidade e regionalismo, que, podendo ter ortografia semelhante, no sentido historiográfico, pode levar o historiador a erros.

Para se definir a região, é necessário perceber como os espaços são percebidos e construídos, historicamente, pelos sujeitos, demonstrando que fatores culturais, como a língua, são aspectos primordiais que constituem a identidade de uma etnia, formando assim uma região simbólica, que também é uma região histórica.

Fazer história regional, com um tema em específico, não significa que será uma história reduzida, mas sim que se pretende mostrar o quanto de significados carregam aqueles espaços, dando uma maior densidade histórica ao fato estudado, assim mostrando o quanto é importante estudar o particular para entender o todo.

Por fim, a estância e a redução do espaço de São Francisco Xavier, uma região em particular, que fazia menção às missões jesuíticas, é um exemplo de história regional, que surgiu de uma construção indentitária, étnica religiosa, em que os sujeitos se identificavam com aquele espaço construído.

Tratando-se do tema em questão, é importante salientar que o objeto de estudo em foco, ou seja, a estância de São Francisco Xavier, estava situado, em parte do Noroeste do atual estado do Rio Grande do Sul. Trazer à tona essa história mostra uma

outra perspectiva histórica regional na formação desse espaço, compreendendo os processos históricos, que ocorriam no século XVII, com a fundação das reduções jesuíticas, demonstrando assim que aquele espaço, em específico, teve uma significativa importância nesse processo.

Referências

ARRIOLA, Arturo Taracena. Propuesta de definición histórica para región. *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México*, n. 35, enero-junio/2008, p. 181-204.

ASSADOURIAN, Carlos Sempat. *Sistema de la economía colonial, mercado interno, regiones y espacio económico*. Impreso en el Perú, 1ra. Edición, abr.1982.

BARTH, Fredrik. *O Guru, o Iniciador e outras variações antropológicas*. (Organização de Tomke Lask). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000

BRAUDEL, Fernand. *El Mediterráneo: el espacio y la historia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p.115.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. (Tradução de Fernando Tomaz), 13.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CARBONARI, Maria Rosa. De cómo explicar la región sin perderse en el intento. Repasando y repensando la Historia Regional. *História Unisinos*, v.13, n.1, p.19-34, jan. /abr. 2009. © 2009 by Unisinos – doi: 10.4013/htu.2009.131.02

HAESBAERT, R. Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. *Antares*, n. 3, jna./jun. 2010. P. 2-24.

MAEDER, J. A. *Atlas territorial y urbano de las misiones jesuíticas de guaranis: Argentina, Paraguay y Brasil - Atlas territorial e urbano das missões jesuíticas dos guaranis: Argentina Paraguai e Brasil / Ernesto J. A Maeder, Ramon Gutierrez (Coords)*. Instituto Andaluz de patrimônio histórico; colabora, Instituto do Patrimônio artístico Nacional do Brasil(IPHAN) – Sevilla: Cinsejería de Cultura, 2009.

MARTINS, M. L. Identidade regional e local e dinâmica cultural. O papel da autarquia. In: II CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 1993, Lisboa. Estruturas sociais e desenvolvimento. *Actas...* Lisboa: Fragmentos, 1993.

MENDONÇA, Nadir Domingues. *O uso dos conceitos* (uma questão de interdisciplinaridade). Bagé: FAT/FUNba, 1983, 176p.

NORONHA, Márcio Pizarro. Região, identificações culturais. *História: debates e tendências*. Passo Fundo: EDIUPF, jun. 1998, v.1, n.1. p.25.

YOUNG, Erick Van. Haciendo historia regional: consideraciones metodológicas y teóricas. In: Pérez H., Pedro (Comp.). *Región e historia en México (1700-1850)*. Instituto Mora/UAM, 1991

RECKIZIEGEL, Ana Luiza Gobbi Setti. *A diplomacia marginal: vinculações políticas entre o Rio Grande do Sul e Uruguai (1893-1904)*. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.